

QUA
SALVADOR
22/10/2025

atarde.com.br

A TARDE BAIRROS

MEMÓRIA
Personalidades
descrevem lugares e
encontros cheios de
afeto na região 5

ORIGEM Entre marés e memória,
Península de Itapagipe guarda a
mais pura essência de Salvador

CIDADE DA BAÍA

Quem vive aqui, de origem ou de passagem, bem sabe: banhada pelas águas tranquilas da Baía de Todos-os-Santos, a Cidade Baixa é Salvador em sua mais pura essência — acolhedora, lutadora, vibrante, cheia de charme e de histórias tão saborosas quanto sua gastronomia. Cada bairro tem sua identidade, cada recanto, um lugar especial no coração e na memória. Da rampa do mercado, cenário de encontros dos três Obás de Xangô (Jorge Amado, Carybé e Dorival Caymmi) à Colina Sagrada de tanta devoção, tudo respira baianidade. Mais do que cenário histórico, a região é sinônimo de renovação constante. Duas cidades convivem em uma única Salvador, indissolúvel. Mas apenas uma é a verdadeira, poética e singular Cidade da Baía. **2 a 7**

APONTE A CÂMERA DO
CELULAR E ACESSA A PÁGINA
DO A TARDE BAIRROS





No coração da baía, há diversos cartões-postais que fazem a fama de Salvador

IDENTIDADE REGIÃO MAIS SINGULAR DA CIDADE, NO CORAÇÃO DA BAÍA DE TODOS-OS-SANTOS, CIDADE BAIXA OFERECE MERGULHO SEM VOLTA NA ALMA DA CAPITAL BAIANA

Fotos: Olga Leiria / Ag. A TARDE

PRISCILA DÓREA

Na Cidade Baixa de Salvador, o tempo não corre — navega pelas águas da Baía de Todos-os-Santos. É ali, entre o azul do mar e o fulgor de bairros cheios de personalidade, que a parte mais singular da capital baiana mostra sua cultura, sabor, ritmo, memória e fé. Seja no Comércio, onde o Elevador Lacerda liga dois mundos, na fé que leva todos à Colina do Bonfim, nos ventos que acolhem em Humaitá, ou nos encantos peculiares de cada bairro, a Cidade Baixa é a pura essência de Salvador — generosa, lutadora, vibrante, cheia de charme e de histórias.

No Comércio — que, para muitos, é o ‘começo’ da Cidade Baixa —, a mistura de antigo centro financeiro, história e muito movimento gera uma atmosfera singular. Banhado pela baía, o Comércio abriga o Porto de Salvador, sedes de secretarias municipais, museus, casas de cultura, lojas, restaurantes, bares e diversas construções históricas. Dentre elas, alguns ícones da cultura baiana, como o Mercado Modelo, a Basílica da Conceição da Praia, padroeira da Bahia, e o Monumento à Cidade do Salvador, obra de Mário Cravo que também é conhecida como Fonte da Rampa do Mercado.

“O maior encanto da Cidade Baixa está na forma como ela consegue misturar Salvador toda sem deixar que vire bagunça. Tem parte histórica, comércio, turista, samba, pagodão, praia, casa, prédio, feira... Lembro que quando era criança, quase tudo que a gente precisava fazer era na Cidade Baixa: comida para almoço em família era na Feira de São Joaquim, exames oftalmológicos e o trabalho de meus pais eram no Comércio, as folgas de domingo na praia da Ribeira e por aí vai”, conta a vendedora Maria Cecília Santana, 38, moradora do Uruguai.

Há 35 anos com a loja São Judas Tadeu no Mercado Modelo, José Raimundo Silva, 59, conhecido como Helmas, explica que a força cultural e histórica da Cidade Baixa o fez amar trabalhar com comércio e turismo. “Acabo entrando em contato e me ligando à pessoas do País inteiro e do mundo também. O movimento varia de ano para

ano, mas Salvador é muito turística e tenho sentido esse interesse maior das pessoas em conhecer a Cidade Baixa. Além disso, o Mercado Modelo é um lugar que gosto demais, sempre cheio de história e gente”, diz.

Outro ponto forte da região é a capacidade de surpreender. Há quase quatro anos em Salvador, a agente de viagem Yuli Peralta, 42, natural de Cartagena, na Colômbia, conta que já conheceu muitos lugares, mas a capital baiana ainda a surpreende. “Mesmo na baixa estação, a cidade é muito procurada pelos turistas, e o mais interessante é que sempre há o que descobrir. Recentemente, uma amiga me chamou para almoçar e achei que íamos em um restaurante. Quando percebi, estava, no intervalo de almoço, com os pés na água do mar. Foi uma experiência fantástica, simples e surpreendente”, conta.

A praia? Da Preguiça, 11 minutos a pé do Mercado Modelo. A amiga que levou Yuli? A microempreendedora Emily Bispo dos Santos, 26, que estava em meio a seu percurso entre as cidades Baixa e Alta quando encontrou a reportagem de A TARDE. Moradora de Castelo Branco, Emily trabalha no Pelourinho. Porém, da busca por insumos para preparar quitutes à caça do lugar perfeito para momentos de lazer, tudo ela faz na Cidade Baixa. “De terça a domingo, saio de Castelo Branco e vou até a Feira de São Joaquim comprar queijo, carvão, peixe, carne etc. É de fácil acesso, com ônibus para toda a cidade, preços acessíveis, e você encontra tudo”, explica.

Já para o lazer, Emily não hesita: Ribeira. “A praia da Madragoa é a minha preferida em toda a cidade. É calma, a água é maravilhosa, tem depósito de bebidas e muitas opções de comida. Se eu pudesse escolher outro lugar para morar, seria a Ribeira. É tranquilo, tem várias praias, casas lindas, mercados e a famosa sorveteria. Me sinto segura lá, sabe? É um lugar que tem paz, comida boa, parece ser maravilhoso de viver”, descreve. Localizada na Península de Itapagipe, a Ribeira é um dos bairros mais encantadores e simbólicos da capital baiana.

Antes de chegar lá, vamos falar sobre a área que é a alma ferroviária e popular de Salvador, e tem dois patronos: Cal-

çada e Mares. Separados por poucas ruas e unidos por séculos de história, os bairros nos conectam ao passado. Foi na Calçada que Salvador se abriu para o transporte sobre trilhos: de um lado, o Plano Inclinado Liberdade-Calçada, ícone da engenharia moderna, e de outro, a antiga Estação Ferroviária e sua fachada imponente, um marco arquitetônico que resiste ao tempo.

Já Mares, vizinho imediato da Calçada, leva o cheiro da maresia em seu nome e é mergulhado no comércio vindo do mar e da terra. Perto da Feira de São Joaquim e do Terminal Marítimo, é ponto de passagem e abastecimento, onde o cheiro de peixe fresco e o som das embarcações fazem parte da paisagem. É lá que está também a imponente Igreja de Nossa Senhora dos Mares, construção em estilo neogótico que levou 26 anos para ficar de pé e chama atenção.

“São muitas as construções da Cidade Baixa que têm uma história interessante”, diz a autônoma e moradora do Bonfim, Daniela dos Santos. “E não estou falando só das mais conhecidas, como a Igreja de Mares e a Basílica do Bonfim, mas de prédios mais novos, como o azul, perto da Feira de São Joaquim, que era sede da Petrobras, e outros abandonados que já foram muito importantes. Quando você vive na Cidade Baixa, sempre vai ter alguém mais velho te contando história sobre a região”.

Embora muitos monumentos da região não tenham destaque turístico, guardam memórias antigas da expansão urbana e da vida de Salvador. “Ao contrário da área entre o Comércio e até um pouco depois da feira, que tem muitos aterros e passou por muitas mudanças desde a fundação de Salvador, essa outra parte da Cidade Baixa mudou muito pouco ao longo dos séculos. Sim, há aterros feitos para viabilizar a estrada de ferro e algumas indústrias, mas o que mudou de lá para cá é muito pouquinho. Isso é bem perceptível na maré rasa da Praia do Cantagalo, enquanto ali perto, no 2º Distrito Naval, a água pode chegar a 15 metros de profundidade”, explica o arquiteto e urbanista Ernesto Carvalho, vice-presidente do Conselho de Arquitetura e Urbanismo da Bahia (CAU-BA).

Cidade Baixa é a pura essência de Salvador: bela, generosa, lutadora, vibrante e cheia de charme

Lugares como Ribeira e Humaitá encantam visitantes que buscam singularidade



Basílica do Bonfim: templo em que os baianos encontram a fé



Antiga Estação Ferroviária da Calçada: marco arquitetônico



Na praia da Boa Viagem, lazer e mar convidativo ao banho

Atmosfera interiorana

Essa pouca mudança persiste em Roma. Até certo ponto. É muito real a atmosfera mais interiorana que o bairro e seu vizinho famoso, o Bonfim, têm até hoje, mas a mudança que as Obras Sociais Irmã Dulce (Osid) trouxeram à região é inegável. Referência em saúde e assistência social — lá também está o Hospital da Mulher —, Roma é o lar dos muitos trabalhos ligados a Santa Dulce dos Pobres, seu Santuário e seu Memorial, além do Hospital Santo Antônio, que integra o atendimento da Osid. A instituição fortaleceu o turismo religioso da Cidade Baixa e atraiu, em 2025, a professora Alessandra Oliveira, 34.

Natural do Ceará, faz 15 anos que Alessandra mora no Rio Grande do Norte, e em sua primeira visita a Salvador, resolveu misturar uma rota mais clássica — Pelourinho, Mercado Modelo e museus —, com o roteiro religioso para conhecer o Santuário e a Basílica do Bonfim. “Apesar de não sermos religiosas, visitar esses lugares faz parte da história e da cultura. Sou de cidade litorânea, então busco mais o turismo histórico, e Salvador tem uma riqueza impressionante”, explica ela, que veio com a noiva Izadora.

Visitar lugares dedicados à Santa Dulce foram sugestão de um amigo. “E me emocionou profundamente. A filosofia franciscana e a história da primeira santa brasileira me tocaram. É um turismo gratuito que realmente impressiona, pois é cheio de significado”, reflete. Isso é o que parece melhor definir toda a Cidade Baixa: tudo ali carrega muito significado. Um bom exemplo é a Igreja e Hospício Nossa Senhora da Boa Viagem, primeira capela dedicada à essa invocação mariana no Brasil — a construção foi iniciada em 1712 e finalizada em 1743. A palavra ‘hospício’ aqui é empregada como ponto de parada de viajantes ou necessitados, e não referência às antigas instituições psiquiátricas.

No começo, mais do que lugar de fé, o templo era ponto de acolhimento, e servia de hospedagem para marinheiros e viajantes, além de dar assistência aos doentes. Lar das festas de Bom Jesus dos Navegantes (31/12 e 1º/1) e de Nossa Senhora da Boa Viagem (15/8), o

DIVO ARAÚJO

A Cidade Baixa é um território marcado por memórias e afetos. Do Forte do Monte Serrat à Ponta do Humaitá, passando pela Boa Viagem, pelo Bonfim e pelas ruas da Ribeira, cada depoimento revela como a geografia da região molda experiências pessoais e coletivas, preservando a energia única de um lugar que continua a inspirar música, fé e cultura para quem o chama de lar. Para a ministra da Cultura, Margareth Menezes, a Península de Itapagipe é, como um todo, o epi-

Território de afetos

PERTENCIMENTO PERSONALIDADES QUE VIVERAM EXPERIÊNCIAS ÚNICAS NA CIDADE BAIXA DESCREVEM EMOÇÕES E LUGARES FAVORITOS

centro de sua história. Cada canto guarda lembranças de sua infância e juventude, memórias que ela preserva com carinho e que moldaram sua identidade. Lucas, do CBX Notícias, site com identidade profundamente ligada à Cidade Baixa, destaca a Ribeira como seu bairro preferido. “Viver na Ribeira é uma grande gratificação, especialmente por estar sempre próximo ao mar, que traz paz, inspiração e qualidade de vida”, afirma. A Ponta do Humaitá e seu icônico pôr do sol é uma unanimidade. “A gente tem ali o visual pra ilha de Itaparica toda. Até hoje, saio para

fazer minhas caminhadas. É um lugar que ainda tem muita paz”, descreve Jackson Dantas, músico da primeira formação da Banda Mel e dono do espaço cultural Janela do Jack. Rafa Barreto, vocalista do Jamil, é igualmente apaixonado: “Existe algo mágico naquele momento em que o céu se transforma em uma aquarela de cores e o mar reflete toda essa beleza com serenidade. É como se o tempo desacelerasse, como se a cidade respirasse fundo e nos convidasse a contemplar. A Ponta do Humaitá tem uma energia única”. Confira outras histórias sobre a Cidade Baixa.

Margareth Menezes, ministra: ‘Eu sou Itapagipe’



Qual o meu lugar preferido na Cidade Baixa? Eu tenho vários, porque nasci ali. Minha mãe morava na Boa Viagem. Minha mãe e meu pai se conheceram na Avenida Luiz Tarquínio. Meu pai trabalhava num bar em frente à Vila Operária. A Igreja da Boa Viagem é a igreja que tive a minha primeira comunhão. Participei do coral da Congregação Mariana. Fui líder de um grupo jovem, Grupo Jovem Tula, Todos Unidos Levando o Amor. Fiz teatro. A minha escola, o Centro Integral de Educação Luiz Tarquínio era fantástica, com quadras de esporte, teatro e laboratório de ciências. Era uma escola maravilhosa. Toda essa área é muito preciosa para mim, da minha memória, da minha infância. A praia da Boa Viagem foi onde meu pai ensinava a gente a nadar – a mim e à minha irmã Rita. Tenho uma memória afetiva muito grande com a Península de Itapagipe, especialmente ali. E tem a Ribeira, onde minha mãe levava a gente para mariscar. O primeiro lugar que minha mãe morou foi justamente na Ribeira, no Porto dos Tainheiros. E a Igreja do Bonfim. Todo ano eu vou. É uma profissão de fé que a gente faz. Isso tudo me contempla. Sem falar no Forte do Monte Serrat, que é um lugar também que eu sempre gostei. Ia pescar ali com meus irmãos. É um lugar lindo demais. Ou seja, pra mim é muito difícil escolher. Eu escolho a Península de Itapagipe como um todo. Essa é a minha identidade. Eu sou uma pessoa que tem o maior prazer em dizer que sou itapagipana, soteropolitana, baiana e latino-americana. E afropop. Eu sou Ribeira. Eu sou Itapagipe.

Armandinho, músico: ‘Momentos felizes’



A minha vivência em Itapagipe, da infância à adolescência, tem momentos que eram muito importantes e festivos, como a Festa da Ribeira. Aí passava toda aquela galera pela minha rua, na frente de casa. Era uma festa, o trânsito parava. Eram grandes momentos festivos. Emendava a Festa do Bonfim com a Festa da Ribeira, depois vinha a Festa da Boa Viagem. Vira e volta apareciam também os trilhos elétricos, os pequenos da época. E tinham aquelas caminhadas pela Ribeira, sorveteria da Ribeira, passeio na Penha, no dique velho que ficava na Penha. A gente ia para a balaustrada fazer uma serenata na adolescência. São momentos assim que ficam na memória desses tempos que eram muito mais tranquilos, nada comparável ao que se vê hoje em toda aquela região Itapagipana, principalmente nas praias.

Milton Moura, historiador: ‘Emoção muito forte’



Sempre acompanhava a missa na Igreja do Bonfim. E é uma emoção gigante. Não existe nenhuma vez que você vá que seja igual a anterior, pela densidade espiritual daquela frequência. É muito forte. Agora, como pertencimento, morei no Monte Serrat, acho que lá tem algo diferente. Por exemplo, da minha janela – era um apartamento pequeno, de dois quartos – eu via a palmeira que tem na Praça Castro Alves, que ficava ali junto do antigo cinema Guarany, hoje Glauber Rocha. Então, o Monte Serrat é qualquer coisa. A visão que você tem dali é de uma concavidade. Para quem está, por exemplo, no Porto da Barra, você tem uma concavidade muito suave que vai até o Monte Serrat. De lá, você vê bem essa concavidade, quer dizer o contorno interno da Baía de Todos-os Santos na sua face oriental, que corresponde à face ocidental da cidade de Salvador. Aquilo ali é lindo demais, as cores do crepúsculo... É tudo muito lindo. Monte Serrat continua muito bonito, mas o problema é a segurança. Eu me lembro que na sexta-feira, à tarde, o pessoal ia para o Humaitá, e os casais ficavam apaixonados ali, esperando o pôr do sol, que é um dos lugares mais bonitos da Bahia. Para mim, a visão da Baía de Todos-os-Santos que você tem do Monte Serrat, de lá de cima do forte, como também da plataforma, essa é uma das mais bonitas.

Jolivaldo Freitas, jornalista e escritor: ‘É bonito pelas histórias’



Há quem diga que o melhor ponto da Cidade Baixa é a Ponta do Humaitá. Mas só que tem dois pontos conjugados que, para mim, são os mais bonitos, aliás, os mais bonitos de todos os 35 quilômetros de orla que tem em Salvador: a paisagem vista de cima do Forte do Monte Serrat e o Largo da Boa Viagem, onde está a Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem. Desses dois pontos, você vê ao lado direito a ilha, em frente o mar aberto e à esquerda, você vê Cidade Baixa e Cidade Alta bem delineadas. Sem falar que a Praia da Boa Viagem é a praia mais gostosa para tomar banho de Salvador, porque ela é a mais clara e tranquila que tem hoje na cidade. O Porto da Barra se aproxima um pouco. Mas lá você tem uma grande paisagem e uma área excepcional para tomar banho de mar. Inclusive, quando a maré está baixa, você pode andar até os recifes. É uma maravilha. Merecia há muito tempo um trabalho de urbanismo que transformasse aquela região numa área turística. Interessante é que quando a maré está enchendo, as correntezas vão todas para o lado da Boa Viagem, entrando para a Ribeira e em direção à Ilha de Maré. Em épocas de grandes tempestades, vários navios foram parar lá na Boa Viagem, nesses pontos que eu acabei de dizer. Isso é interessante. E também as baleias se perderam muitas vezes por lá. É bonito por tudo e pelas suas histórias.

Fred Menendez, músico: ‘Brincava no Forte de Monte Serrat’



O Forte de Monte Serrat é um local que frequento desde pequeno. Inclusive, não só área externa, como a interna. Então, pelo fato da gente ter muita amizade com o quartel do Exército, existia aquela ligação de poder brincar dentro do forte. Hoje ele está estruturado para uma outra situação, mais militar, aberto ao turismo. Mas, na época da gente, teve uma época que ele ficou fechado. E existia uma casa ali junto. Então, o pessoal tomava conta. Foi uma infância naquela área ali do Forte, brincando e tal. Depois ele ficou bem abandonado. Mas é um local que me agrada. Quando tem qualquer tipo de situação que precisa energizar, eu fico por ali. É uma área que eu gosto. É uma coisa muito pessoal. Tem aquele visual maravilhoso. Tem a Igreja do Bonfim, mas eu prefiro o Forte. Eu já fiz até apresentação ali. É um lugar que poderia ser bem mais aproveitado. É o local que defendeu a nossa cidade. Todos os fortes da cidade têm suas histórias. Mas esse daqui, mais pela pelo fato que meu pai me levava, minha mãe, é o que mais me agrada. É uma questão afetiva.

Laurinha Arantes, 1ª vocalista da Cheiro de Amor: ‘É o meu lugar’



A região de Monte Serrat, da Igreja de Boa Viagem, subindo até a Ponta do Humaitá é o meu lugar. Eu fazia parte do coral da Igreja da Boa Viagem e participava dos grupos das leigas. Elas não eram freiras, se chamavam leigas italianas. A gente fazia som também. Eu era do coral e circulava muito por ali. Eu andava sozinha. Ia da minha casa ao catecismo e não precisava a minha mãe levar. Porque a gente não corria nenhum perigo. Depois fui crescendo e na pré-adolescência começaram as leigas e a catequese. Aí eu participava com elas. A casa delas ficava no caminho que vai da igreja para o Monte Serrat. A gente ficava lá no quintal da casa, que era a praia. E fazia roda de violão. Todo mundo cantando. Tenho lembranças também da gente com meu pai. Meu pai sempre foi muito presente. E ele tinha essa coisa de me fantasiar toda. Me lembro muito das festas da Boa Viagem. Meu pai ia de paletó e gravata e minha mãe super bem-vestida. Ele me levava para a roda-gigante, no Monte Serrat. E a gente ia caminhando até a Ponta do Humaitá. Com os meus amigos de lá, tenho contato até hoje.

Fernando Amorim / Cedoc A TARDE / 26.6.1996



Luiz Tarquínio criou a primeira vila operária do Brasil em 1891

Rejane Carneiro / Cedoc A TARDE / 27.9.1988



Chadler: quem sentiu não esquece o peculiar cheiro de chocolate

Walter Carvalho / Cedoc A TARDE / 7.5.1993



Fratelli Vita: região da Cidade Baixa era polo industrial

DIVO ARAÚJO

Se há algo que define a história do lugar que hoje conhecemos como Cidade Baixa é o fato de ser banhada pelas águas da Baía de Todos-os-Santos. Não por acaso, como explica o historiador Milton Moura, a presença das águas salgadas da baía e dos rios que nela desembocam permanece visível até hoje nos topônimos de grande parte dos bairros da região.

“Todos os nomes dessa parte da antiga Salvador estão relacionados às águas, sejam salgadas ou doces. Ribeira; Monte Serrat, referência a um rochedo na Catalunha; Bonfim, que significa o ‘bom fim’ da navegação, aquilo que todos desejavam; Boa Viagem; Mares. Há também Água Brusca, que quer dizer ‘água brotando’”, cita.

A relação dos habitantes com a região remonta ao período anterior à chegada dos portugueses. “Toda a faixa costeira da Cidade Baixa, especialmente a voltada para o interior da baía, era utilizada com finalidades ritualísticas por comunidades indígenas”, explica o historiador Rafael Dantas.

Com a chegada dos colonizadores, a região em torno de Itapagipe chegou a ser considerada para a criação de uma cidade-fortaleza, mas a ideia não avançou devido à vulnerabilidade geográfica. “Por se tratar de terreno muito plano, a área ficava vulnerável do ponto de vista defensivo, ao contrário da Cidade Alta, erguida sobre um monte com mais de 60 metros de altura, ideal para a construção de uma fortaleza”, explica Dantas.

Por muito tempo, a região permaneceu dedicada à atividade pesqueira e à construção e reparo de embarcações. “Por conta de suas águas calmas e rasas, a Ribeira era o local ideal para que barcos e saveiros fossem mantidos, recarregados, pintados e seguissem viagem para o Porto de Salvador, para o interior da baía e, posteriormente, cruzassem o Atlântico”, acrescenta o historiador.

Apesar das atividades ligadas ao mar, a ocupação da região ainda era tímida até o século XVIII, quando um marco religioso impulsionou o crescimento da Península de Itapagipe. “Quando a Igreja do Bonfim foi construída, a região ainda não apresentava nenhum tipo de adensamento populacional, exceto na faixa costeira, onde ficava a Igreja de Nossa Senhora da Penha e poucas casas de pessoas envolvidas em atividades ligadas ao mar”, explica Dantas.

Com a construção do templo

na Colina Sagrada, houve aumento significativo de pessoas na península. Na 2ª metade do século XIX, surgem outros marcos: as indústrias e a linha de ferro da Bahia de São Francisco Railway, primeira ferrovia do estado, construída entre 1857 e 1863 por engenheiros britânicos, inicialmente ligando Salvador a Alagoinhas e, posteriormente, chegando a Juazeiro, com saída da Calçada.

Essa combinação de fatores resultou em aumento populacional. O empresário Luiz Tarquínio, após fundar a Companhia Empório Industrial do Norte (Cein), em 1891, criou a primeira vila operária do Brasil. “Luiz Tarquínio tinha muito dinheiro e achava que era um bom investimento, digamos assim, fidelizar um operariado que gostasse dele e que não se atrasasse. Nada mais prático”, pontuou o professor Milton Moura. “Já pen-

sou sair de casa e, em poucos minutos, chegar ao trabalho?”

Inaugurada um ano após a Cein, a Vila Operária era composta por 258 casas de dois pavimentos. Desde o início, a vila já contava com água canalizada, esgoto, luz elétrica e gasogênio. Gradativamente também foram implantados serviços como escola, consultório médico, farmácia, loja, creche, campo de futebol e armazém. A infraestrutura da vila operária e as condições de moradia eram bastante superiores às dos demais trabalhadores pobres da cidade.

Depois, outras indústrias se instalaram na Cidade Baixa, entre elas a Fratelli Vita e a Fábrica Chadler, nos Mares, que espalhava pelas redondezas um marcante cheiro de chocolate. “Gradualmente, a partir de meados do século XX, essas indústrias foram deixando a região em razão das mudanças no vetor eco-

Todos os nomes dessa parte da antiga Salvador estão relacionados às águas: Ribeira, Água Brusca, Mares, Boa Viagem

Cogitou-se uma cidade-fortaleza, mas a ideia não avançou devido à vulnerabilidade geográfica

nômico. O polo industrial de Salvador, e da Bahia como um todo, acabou se deslocando para Recôncavo e Região Metropolitana da capital”, explica Dantas.

Além das boas condições de moradia, os operários e suas famílias tinham acesso a ‘espetáculos’ que não podiam ser vistos em outras partes da cidade, como os hidroaviões pousando nas águas da Baía de Todos-os-Santos, história resgatada pelo escritor e publicitário Nelson Cadena em seu livro *A Cidade da Bahia*’.

Cadena conta que o hidropor- to foi inaugurado oficialmente em 1935, quando o governador Antônio Muniz Sodré de Aragão veio do Rio e amerrissou em Itapagipe. Quatro anos depois, o equipamento recebeu a visita de um passageiro que chamou a atenção não apenas da cidade, mas de todo o País. “O presidente Getúlio Vargas desembar-

Cine Roma surgiu em 1948 e se tornou o epicentro do rock ‘made in Bahia’



Geraldo Ataíde / Cedoc A TARDE / 1987

Berço do trio e da folia moderna

Não é exagero afirmar que o Carnaval como conhecemos nasceu na Cidade Baixa. Foi ali, entre oficinas, ruas e praças, que a inventividade de Osmar Álvares Macedo e Adolfo Antônio Nascimento, o Dodô, transformou a festa popular em um espetáculo de música elétrica que revolucionaria a cultura baiana.

Osmar Macedo, pai de Armandinho, trabalhava com forjas e metal pesado, construindo estruturas para obras de engenharia, enquanto Dodô mantinha uma loja na Rua Barão de Coteigipe, na Calçada, onde consertava rádios, eletrodomésticos e experimentava a eletricidade que mais tarde seria aplicada ao

trio elétrico.

Como explica o historiador Milton Moura, a criação do trio não foi fruto do acaso. “Quando apareceu a oportunidade de ‘metalar o som’, eles não criaram do nada. O contato com metais e com a eletricidade deu origem a toda a inventividade musical”, afirma.

A infância de Armandinho se desenrolou na Praça Conselheiro Nabuco. Ali, em meio a brincadeiras, começou a aprender música ao lado de seu pai, primeiro no cavaquinho e depois na guitarra baiana. “A guitarra baiana deu força ao trio elétrico. Ele nasceu da Península Itapagipana e influenciou gerações de mú-

sicos”, explica Armandinho.

Aos 10 anos, ele e a família foram morar na Rua Domingos Rabelo, na Ribeira. “Era uma grande paixão. Eu saía pelas ruas tocando os frevos do meu pai e de Dodô, já anunciando a invenção que mudaria o Carnaval”, lembra Armandinho.

Em 1974, o músico assumiu o comando do primeiro trio Armandinho, Dodô e Osmar, com a participação de Caetano Veloso, que gravou um frevo composto por Osmar. A partir daí, Armandinho introduziu bateria, contrabaixo e canto, convidando Moraes Moreira para integrar a banda, consolidando a estrutura que viria a moldar o axé e o

Carnaval moderno.

Outro herdeiro da tradição da guitarra baiana que mora até hoje na Cidade Baixa é Fred Mendez. Criado no Monte Serrat, desde cedo se envolveu com a

Encontro de Dodô e Osmar na Cidade Baixa transformou o Carnaval em um espetáculo de música elétrica

música, inspirado pela proximidade com bandas locais como Cheiro de Amor e pela tradição familiar de tocar instrumentos. Aos 10 anos, Fred ganhou o primeiro cavaquinho e, algum tempo depois, conheceu Osmar, que o ‘adotou’. “Ele disse: ‘Você vai ser meu discípulo em vida’. E é real, porque acompanhei de perto a trajetória dele, aprendendo diretamente com o mestre do trio elétrico”, lembra.

Foi também na Cidade Baixa que surgiram outros grupos tradicionais da folia de Salvador, como a Banda Mel e o Cheiro de Amor. O guitarrista Jackson Dantas, da primeira formação da Banda Mel, lembra que a ex-

periência musical começou ainda na infância, no grupo jovem da Igreja da Boa Viagem. Na adolescência, no fim dos anos 1970 e início dos 80, eles passaram a se apresentar nos antigos blocos carnavalescos da região, como Ketchup e Amigo da Vovó, até que o Bloco Mel conseguiu seu próprio trio.

O sucesso de músicas como *Faraó* e o álbum *Força Superior* consolidaram a banda no cenário local e nacional, influenciando gerações. “*Faraó* ficou seis meses em primeiro lugar em praticamente todas as FM de Salvador. Na época, foi um fenômeno. Esse álbum praticamente estourou todo”, diz Jackson.

MADSON SOUZA

Do clássico sorvete da Sorveteria da Ribeira ao salame de polvo da Cantina do Juliu’s, em Roma, a Cidade Baixa tem bares e restaurantes com tradição que alimenta tanto quanto as iguarias. Recheado de histórias quase centenárias, o perfil gastronômico da região é de uma diversidade de opções que atraem tanto soteropolitanos quanto turistas.

É o caso do Recanto da Tia Maria com pelo menos 40 anos de atuação na Pedra Furada, no bairro de Monte Serrat, e conhecido e reconhecido tanto por moradores quanto por publicações internacionais, como o jornal britânico The Guardian. Quem experimenta a comida baiana de Maria Deilda dos Santos, a tia Maria, 82, não faz ideia de que ela não come peixe. O trauma gerado pelas tentativas da mãe de obrigá-la a comer o alimento na infância, que chegou ao ponto da violência física, não foi superado pela cozinheira octogenária.

Se o ‘santo não bateu’ com o peixe para se alimentar, enquanto sustento a história é outra. Ela conta de quando ouviu uma voz distante a dizer: “Você não vai comer peixe, mas o peixe vai até você pra trabalhar”. E foi justamente graças a ele que a cozinheira sustentou a família e alcançou a independência financeira. Com decoração com cestos e frases na parede, além da imagem de Santo Antônio, do qual tia Maria é devota, o Recanto é caracterizado pelo aconchego.

Além da prosa da cozinheira e dona do negócio, o que faz com que quem já foi lá queira voltar

Banquete de sabores

GASTRONOMIA CIDADE BAIXA TEM BARES E RESTAURANTES COM TRADIÇÃO QUE ALIMENTA TANTO QUANTO AS IGUARIAS

e quem não foi, queira ir, é a comida. Tudo é feito na hora e manualmente, inclusive a pimenta. “Sou acostumada com o meu machucador. Não uso nem liquidificador, é tudo na munheca, como minha mãe ensinou”, diz tia Maria. O Recanto da Tia Maria serve apenas frutos do mar — tudo fresco e muitas vezes pescado na própria Pedra Furada —, e um dos destaques da casa é o siriboia, servido como casquinha de siri, junto com a farofa e o molho lambão.

Com vista para o Humaitá, o restaurante familiar, tocado com apoio de filhos e netos, é ponto buscado por turistas que visitam Salvador, como Carolina Accioly, 49, e Renato Molica, 56, professores da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (Ufap). De olho em pontos turísticos incomuns, Carolina conta sobre sua experiência no Recanto da Tia Maria: “Vai ser difícil comer em outro lugar depois daqui, porque é muito gostoso. Ela faz o tempero da moqueca na hora, a gente ficou de olho pra

ver como é que faz. Nossa, é maravilhoso. Nunca comi uma moqueca tão boa”, disse, acrescentando que já indicou o restaurante ao irmão, que deve visitar Salvador em novembro.

Além do Recanto da Tia Maria, a região da Pedra Furada é reconhecida por sua variedade de saborosas moquecas e bela vista. O local possui outros pontos de destaque, como o Recanto da Lua Cheia e o Pietro’s Bar.

Faz 95 anos que, no Comércio, o pernil é símbolo da mistura da Bahia com a Espanha. Manuel Perez Rabo, ou Manolo, chegou em Salvador em 1930, vindo da Galícia, e decidiu apostar na culinária espanhola como sustento, mas devido a falta dos ingredientes de sua terra natal foi preciso fazer adaptações com o tempero baiano. Daí surgiu o Manolo— o Rei do Pernil.

Mesmo após tantos anos, a lanchonete ainda é um negócio familiar, agora gerenciado pela 3ª geração e já com atuação da 4ª. A neta de Manolo, Andréa Perez, explica o sucesso. “O per-

nil é bem aceito no mundo inteiro, é uma carne muito saborosa. O sanduíche com pão francês e fatias de pernil se adequou bem ao Comércio, que tem uma variedade de coisas e que o turista vem conhecer, porque cada rua dessa tem uma história”.

Hoje a casa conta com sanduíches de pernil assado e suas variações, como com queijo cuiá — o mais pedido —, salame e outros, além dos especiais (Plano Inclinado, Elevador e Ferry-Boat). No local, também é comercializado o pernil fatiado ou inteiro em diferentes tamanhos, que passam a ser disputados para reservas em novembro, de olho nas festas de fim de ano.

Os elementos turísticos próximos ao restaurante colaboram para o movimento. Andréa cita o Mercado Modelo, o Plano Inclinado, o Elevador Lacerda, além dos navios que chegam à cidade. “São lugares que atraem muitos turistas, não só de outros países, mas também de outros estados”, comenta.

A dona de casa Luciana de

Recheado de histórias quase centenárias, o perfil gastronômico da região é de uma diversidade de opções que atraem tanto soteropolitanos quanto turistas

Oliveira, 55, é de Salvador, mas só foi no Manolo uma vez há 15 anos e retornou em outubro passado. Mesmo com o tempo decorrido, ela não esqueceu do lugar e comentava com a irmã que precisava voltar. Aproveitou a oportunidade para levar filho, nora, amigo do filho e neta. “Indiquei a eles pelo sabor. Aquela coisa que você sente o cheiro que está sendo preparada. É um lugar de acolhimento e de história familiar”, afirma.

Tradição e novidade

Entre estabelecimentos tradicionais — como o Juarez Restaurante, presente no Comércio desde 1955 com seu famoso filé, e o Manolo — Rei do Pernil — ainda há espaço para novas iguarias na Cidade Baixa. É o caso do salame de polvo, carro-chefe da Cantina do Juliu’s, fundada em 2003, em Roma. O prato de entrada é o que motiva moradores de toda a cidade a visitar o pequeno estabelecimento e se deleitar também com outras opções do cardápio.

Fotos: Uendel Galter / Ag. A TARDE



SAGRATTO CAFÉ BAR

Quem ficar com fome após subir a Colina Sagrada pode se deliciar com os pratos do Sagratto. O jovem point, aberto em novembro de 2024, traz opções de café da manhã até o fim da tarde, mas também tem destaques como moela ao demi-glace e cuscuz com filé.

CANTINA DO JULLIU’S

Lugar certo para quem quer experimentar novos pratos como o salame de polvo, famoso na região. O ambiente é simples, com mesas na Rua da Galiléia de Cima, em Roma. Todo o foco está na gastronomia, repleta de frutos do mar preparados no capricho.

RECANTO DA TIA MARIA

Se o assunto é moqueca ou prosa, essa é uma pedida que vale para os dois. Fica na Av. Constelação, em Monte Serrat. Com tudo feito na hora e muita coisa pescada na Pedra Furada, a cozinheira octogenária trabalha apenas com frutos do mar.

Raphael Muller / Ag. A TARDE



Divulgação



O dono da Cantina, Carlos Alberto Machado, 70, explica o sucesso do prato. “É diferente e é saboroso, porque é polvo, tem gosto de mar. Através do salame, as pessoas começaram também a desmistificar um pouco do polvo, que é um animal meio esquisito, cheio de tentáculos. O formato que a gente deu torna uma coisa mais aprazível”.

Foi graças ao prato que a propaganda boca-a-boca fez a fama da Cantina do Juliu’s, que depois foi premiada pelo Comida di Bu teco e recebeu atenção da grande imprensa. Com o passar do tempo, a novidade virou tradição. A psicóloga Rafaela Matos, 48, frequenta o ponto há 15 anos e tornou o almoço de sexta um hábito religioso no local.

“Hoje moro no Canela, mas venho praticamente toda sexta-feira. Venho pelo ambiente, pelas pessoas, pela culinária, que é maravilhosa. Meus pratos preferidos aqui são os de massa. Hoje estou no espaguete ao molho de camarão”, disse. Uma das marcas da Cantina do Juliu’s é a criatividade de Carlos, que não parou com o sucesso do salame de polvo e inventou outras opções como o Palitinho Al Mare, combinação de camarão, polvo e maxixe ao molho de ervas.

É por tantas novidades e tradições que a Cidade Baixa atrai soteropolitanos e turistas para descobrirem suas histórias, que alimentam quase tanto quanto as iguarias variadas. Entre o café da manhã no Manolo, o almoço na Cantina do Juliu’s, um sorvete à tarde na Sorveteria da Ribeira e, para acompanhar o pôr do sol, uma moqueca no Recanto da Tia Maria, ainda há muito a ser descoberto na gastronomia da Cidade Baixa.

MANOLO (REI DO PERNIL)

Se você está no Comércio, a pedida é uma passadinha no Manolo. Queijo cuiá, salame e outras opções acompanham o quase centenário pernil assado do local, que funciona na Rua Pedro Rodrigues Bandeira. O point também tem sanduíches famosos.

ACARAJÉ DA NEIDE

Com 28 anos de tradição, o acarajé da Rua Duarte da Costa, na Vila Ruy Barbosa, já chama atenção ao ser servido numa barca de sushi. O lugar busca atender todos os públicos também com opções como abaralhau - abará com bacalhau na massa e sem o camarão.

PALÁCIO DOS GATOS

Essa lista não podia ficar sem um bar, e o destaque vai para este, com 75 anos de história, localizado na Rua Conselheiro Saraiva, no Comércio. Se um bar num beco pode causar estranhamento, a variedade de pingas e a tradição tornaram o local point certo.

Território sagrado para o turismo crescente na região

Entre igrejas históricas, grandes festas religiosas e novos roteiros, a Cidade Baixa é um prato cheio para os interessados no turismo religioso. A mistura entre a tradição local e investimentos recentes em tours para que a região fique mais atrativa tem feito com que a área ganhe ainda mais importância.

Das seculares basílicas do Bonfim e da Conceição da Praia a templos recentes como o Santuário Santa Dulce dos Pobres, a Cidade Baixa conta ainda com inúmeros outros marcos. O amplo leque de opções faz com que o secretário estadual de Turismo, Maurício Bacelar, trate o espaço como diferencial importante.

“Podemos chamar essa região como território santo, por conta das igrejas centenárias, passando pelas contemporâ-

neas. Além disso, é uma região visitada por três santos: São João Paulo II, Santa Madre Teresa de Calcutá e Santa Dulce dos Pobres. Esse conjunto é um ímã em atração de peregrinos e nós temos trabalhado essa vertente do turismo religioso católico na Cidade Baixa para aumentar a permanência dos turistas”, avalia.

Exemplo disso foi a vinda a Salvador de D. Américo Aguiar, bispo de Setúbal, Portugal, que é a origem da imagem de Senhor do Bonfim, que celebrou 280 anos na Bahia. O titular da Setur comenta que a participação da equipe nas feiras católicas de turismo para divulgar o estado tem gerado maior movimentação na Cidade Baixa.

A professora do ensino infantil Cecília Maria Correa, 53, é católica e veio do sul de Minas

Gerais para conhecer a Bahia, principalmente as igrejas. A turista não escondeu o encanto ao ver a Basílica do Bonfim. “É muito diferente das igrejas que temos em Minas. Temos igreja com 150 anos e aqui vemos uma com 280. Ficamos encantados. Sempre que viajo vou atrás de uma igreja”, conta Cecília.

Outra iniciativa para aumentar o movimento na área foi a criação do Caminho da Fé, percurso que liga o Santuário de Santa Dulce à Basílica do Bonfim. A rota criada em 2020 é composta por totens explicativos sobre a história da santa e a devoção ao Senhor do Bonfim, mas em abril deste ano, 22 das 28 peças foram vandalizadas e roubadas.

A Fundação Gregório de Mattos informou, em nota, que já realizou visitas técnicas e está

criando estratégias para aumentar a segurança e evitar novos atos de vandalismo. O órgão já entrou em contato com a empresa do artista Juarez Paraíso, responsável pelas obras, para a recuperação e reposição das peças. A previsão de conclusão do serviço é até o fim do ano.

A Cidade Baixa também é par-

“Quem dá religiosidade às coisas é o povo. A população abraçou o Bonfim”

MURILO MELLO, historiador

te importante do roteiro Caridade e Fé, que passa por cinco igrejas, das quais três estão na região: Conceição da Praia, Santuário de Santa Dulce e Bonfim. No roteiro, a pessoa aprende sobre a construção dos templos, curiosidades e pode viver experiências de fé como levar a imagem de Cristo até o altar na Basílica do Bonfim.

O tour feito por agências de viagens é mais procurado no verão, mas mesmo na baixa estação a experiência é buscada principalmente por idosos, de acordo com a coordenadora arqui diocesana da Pastoral do Turismo de Salvador (Pastur), Hosana de Oliveira. Ela ressalta a importância desse movimento para as comunidades envolvidas. “O turismo religioso ajuda a promover as comunidades, tira

elas da invisibilidade, respeitando seu espaço”, pontua.

Entre os marcos turísticos e religiosos da Cidade Baixa, a Lavagem do Bonfim tem papel de destaque. A celebração reúne milhares de fiéis, inclusive turistas de todo o mundo. O historiador Murilo Mello explica que a origem da festa está ligada à necessidade prática de limpar o adro e a escadaria da igreja para os dias de celebração. Com o passar do tempo, a limpeza virou ritual de fé e tradição.

Para Murilo, o verdadeiro caráter sagrado da festa é popular. “Quem dá religiosidade às coisas é o povo. Apesar de o Senhor do Bonfim não ser o padroeiro de Salvador e de a irmandade que fundou o templo ter sido elitizada, a população abraçou o Bonfim e se identificou com ele”.